



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

“QUEM TÁ FALANDO?” REPRESENTAÇÕES FICCIONAIS DOS AFRODESCENDENTES NA LITERATURA BRASILEIRA

Gildecil de Oliveira Leite* ¹

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

e-mail: gildecil.leite@gmail.com

Wagner de Souza* ²

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

e-mail: wagner.souza@unioeste.br

A temática acerca do afrodescendente no Brasil, e sua representação na literatura, em sentido lato, é um assunto sobre o qual há muito a discutir, pesquisar e revisar, considerando, no momento hodierno, o emergir das expressões literárias, no que concerne à voz dos excluídos. O Brasil traz as marcas de três diferentes etnias: os povos originários, o branco e o negro, e é notório que a academia, na acepção do cânone ocidental, denotou propensão axiomática ao europeu.

Nota-se uma perspectiva multifacetada no que concerne o/a sujeito/a negro/a: se objeto de escrita por um/a escritor/a branco/a, durante o período da escravidão, portanto, escravizado, ou depois de liberto, pós 1888. Por outro prisma, pode tratar-se de escritor/a negro/a que aborda o tema em qualquer momento, antes ou depois de Lei Áurea; seja em prosa ou verso. O ponto nodal, citando Zilá Bernd, seria tratar-se de uma literatura *sobre o negro* ou *do negro*, antes ou depois do fim da escravidão no Brasil, percebendo-se que, em grande medida, o racismo tornou-se preponderante na relação entre opressor e oprimido.

¹ Doutor em Difusão do Conhecimento. Professor de Literatura da Universidade do Estado da Bahia no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0827162842948076>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8571-6064>.

² Doutor em Letras. Professor de Literatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3153040472321670>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7511-9784>



Acerca do assunto, é pedra de toque a leitura de Kilomba quando assevera: “eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita”, portanto, essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político, afirma a autora. O que se deseja destacar aqui é a noção do sujeito negro como objeto de escrita, como coisa a ser pesquisada e descrita de forma abjeta.

Atualmente, no século XXI, as expressões das minorias se fazem notar e está em voga a história vista de baixo, dos marginais, do revisionismo, entretanto, o racismo está presente no cotidiano brasileiro nos mais distintos graus; e a ascensão do discurso de extrema direita, da superioridade branca, nunca antes na história desse país, se fez tão presente.

Claro está que nesse entendimento, e tendo como mote a representação dos afrodescendentes na literatura brasileira, há aí um mosaico de cenas, situações e bizarrices que beiram o infinito: da feiura à bestialidade. Seja como for, não obstante a inferioridade imputada aos negros, antes, durante e depois da escravidão no Brasil, nós povoamos o território brasileiro.

A escrita sempre voltou seu olhar de cima para baixo da casa grande para a senzala, no entanto, pesquisas apontaram, e ainda o fazem, para a criminalidade dos negros e mestiços, no entanto, há uma estranheza em não haver nenhuma notícia acerca da deformação do caráter e da personalidade do escravizador. Escravizar, matar, dizimar, promover genocídio de povos originários, provocar sofrimento e dor sistematicamente, por vezes seguido de morte, parece um ato natural para o europeu imperialista.

Grassam na literatura brasileira preconceitos e estereótipos, apontando para um povo escravizado, que não se desvanece com o advento da libertação. Antes, a presença do homem negro na produção literária nacional, mesmo depois de liberto, continua sendo pelo clichê, uma versão *sobre*, que perdurará até o limiar deste século. Note-se que não se trata aqui da exceção, mas da regra.

Se o negro, enquanto escravizado, fora uma mercadoria do senhor, não tendo suscitado maior curiosidade por parte dos literatos, depois de liberto começou-se a falar mais e de forma diferente *sobre* ele. Fora tratado como incapaz, indolente e sestroso; assomando um povo marcado pelo preconceito.

Regina Dalcastagnè fala de duas grandes ausências na literatura brasileira: pobres e negros. A autora de *Literatura brasileira contemporânea* abre um arco



temporal de 1990 a 2004, afirmando que “de um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à *invisibilidade* desses mesmos grupos como um todo. Nesse caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade” (2012, p. 147).

A leitura dá conta de que as ausências se estendem a um vasto grupo, tais como crianças, idosos, homossexuais, de modo que o lugar de fala “no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média” (2012, p. 148). Seria escusado dizer que a temática privilegiada por este grupo social são eles mesmos.

Desse modo, o que será apresentado aqui são representações literárias, discursos *do* e *sobre* o negro na poesia e na prosa, de escritores brancos e negros se debruçando sobre a etnia em momentos estanques: durante a escravidão e após a Lei Áurea.

Ao difundir a produção acerca dos grupos tidos como minorias, neste dossiê abriu-se espaço para trabalhos que lidem com a análise, discussão temática sobre as expressões e representações discursivas das literaturas do/a afrodescendente, da literatura negra masculina e feminina, tratada em prosa e verso; que denote preconceito ou pertencimento, que traga à baila o universo negro no Brasil.

Dito isso é mister informar ao leitor que aqui se falará de assuntos acerbos, de negros/as, de religião, de autores que se debruçam sobre tal assunto demovendo estereótipos, apontando para outro lado, mexendo em feridas abertas, deixando de ser objetos para assumir um ato político. Não se pretende trazer a paz, sim a inquietação, o desconforto, o questionamento, a reflexão. Boa leitura!

Referências

BERND, Zilá. Literatura e identidade nacional. 4ª edição revista e ampliada Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

